

# Povos Indígenas no Brasil

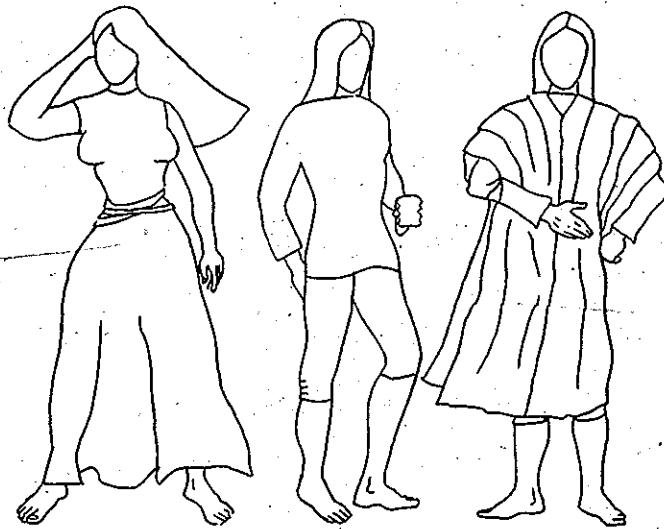
Fonte Zero Hora (R.G. do Sul)

Class.: 517

Data 10 de outubro de 1982

Pg.: \_\_\_\_\_

## Regionalismo & Tradição



Nos desenhos a indumentária missioneira detalhada abaixo

### 300 anos depois

Muitas tribos erravam pelo território que hoje integra o Rio Grande do Sul quando os primeiros brancos — os jesuítas — aqui chegaram. Os Gês puros ao norte-nordeste, que andavam nus e cujos descendentes atuais parecem ser os caingangues dos sete postos da FUNAI.

Ao Sul, os temidos Mbalas, chamados os índios cavaleiros (charruas, minuanos, jaros, chanás, guenoas e mboanes), e no Tape, desde o Alto Uruguai até abaixo de Porto Alegre, os Gês guaranizados, impropriamente denominados Tapes, únicos, entre nós, que serviram de massa de manobra para os jesuítas, em suas duas tentativas às margens orientais do rio Uruguai; da primeira vez, de 1626 a 1641, quando foram expulsos pelos bandeirantes.

Da segunda vez, desde 1682, quando fundaram São Francisco de Borja, até 1756, quando os exércitos de Espanha e Portugal entraram finalmente nas Missões, depois de 6 anos de espera, de marchas e contramarchas, após a morte de Sepé e a derrota de Nicolau Nhenguiru, a 10 de fevereiro de 1756.

Em homenagem a São Borja, o mais antigo núcleo urbano do Estado e que agora completa 300 anos, Regionalismo-Tradição, publica os modelos básicos da indumentária usada pelos índios nas Missões: a índia veste o "Tipoy", de algodão ou linho, feito com dois panos costurados entre si e apertado na cintura pelo "chumbé".

O índio vestia obrigatoriamente (salvo nos casos em que usava farda ou sotaina) "cazones" e uma camisa, esta última introduzida em São João e Santo Ângelo pelo famoso padre Sepp. E, nos dias frios, o "poncho", que era o pala-bichará de hoje e aqui foi introduzido pelos padres. Antes da vinda dos jesuítas, os índios do Rio Grande do Sul não conheciam a arte de tecer.